

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Sóstenes diz que é preciso ser frio na política

Líder do PL: esperar para ver tamanho da crise

Líder do PL na Câmara dos Deputados, Sóstenes Cavalcante (PL) disse à coluna que será preciso esperar cerca de dez dias para avaliar o impacto da revelação das conversas de Flávio Bolsonaro com Daniel Vorcaro.

Segundo ele, nenhuma decisão poderá ser tomada antes disso. “É preciso ter muita frieza na política, avaliar o tamanho do estrago”, declarou.

Apesar de afirmar que o pedido de dinheiro para o filme sobre Jair Bolsonaro “não teve impacto algum”, Sóstenes admitiu a percepção de um “sentimento de dúvida” entre evangélicos e bolsonaristas e “um pé atrás” por parte de eleitores centristas. Mas nada, frisou, que supere a rejeição ao presidente Lula (PT).

Incômodo

Ele reconheceu o incômodo gerado pelo fato de o senador fluminense, pré-candidato a presidente pelo PL, não ter antecipado o problema para correligionários mais próximos.

Para Sóstenes, a cláusula de confidencialidade que, segundo Flávio, está no contrato com investidores, não impediria a revelação desses contatos com Vorcaro, ex-dono do Banco Master.

Reprodução / Internet



O ex-banqueiro Vorcaro, que negociou com Flávio

Quatro bombas petistas

Na avaliação do líder do PL, o “pior é o que não se sabe”. Ele disse que, nos corredores do Congresso Nacional, fala-se que o PT teria “quatro bombas” contra a oposição — a da semana passada teria sido a primeira.

Sóstenes frisou que, pelo seu “feeling” teria sido melhor que o episódio não tivesse acontecido. Ressaltou que as explicações posteriores mostram que o problema não é tão grave. Isto porque, segundo ele, o dinheiro não era do Master, mas de investidores. Vorcaro, assim, teria atuado como captador de recursos.

Pajelança

Hoje, o PL vai promover uma reunião entre Flávio Bolsonaro e os integrantes das bancadas de senadores e de deputados federais do partido.

Antes do encontro deverá ser divulgada a pesquisa Atlas-Intel, a primeira ser feita depois da divulgação dos áudios que mostram o pré-candidato a presidente pedindo recursos a Vorcaro.

Comitês do PSD

O pra lá de experiente Gilberto Kassab não exigiu que candidatos a governos estaduais de seu PSD ou apoiados pelo partido fiquem ao lado de Ronaldo Caiado. Mas, apesar da liberação, decidiu criar comitês conjuntos para fortalecer o ex-governador goiano, o postulante ao Palácio Planalto que escolheu.

Com Caiado

Assim, vai criar no Rio um comitê Eduardo Paes-Caiado — filiado ao PSD, o ex-prefeito carioca já anunciou e reiterou que apoiará a reeleição de Lula. Em São Paulo, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) estará ao lado de Flávio Bolsonaro. Mas isso não impedirá o comitê Tarcísio-Caiado.

Embarcados

Estar com pés em várias canoas disponíveis não chega a ser uma novidade para Kassab. Até outro dia, ele integrava o secretariado de Tarcísio ao mesmo tempo em que seu partido mantinha — e mantém — três ministérios no governo Lula. Agora, ele faz com que aliados não desprezem outras embarcações.

Dilema para Paes

A eventual desistência de Flávio Bolsonaro gerada pela crise com o Master e a eventual bênção da oposição à candidatura de Caiado complicariam a situação de Eduardo Paes no Estado Rio. Seria difícil para ele sustentar o apoio a Lula diante de um eventual crescimento nas pesquisas do ex-governador goiano, que é do seu partido.

Montaria

Disposto a não arrumar problema com os eleitores bolsonaristas, Caiado mantém a posição divulgada na semana. Não faz carga contra Flávio, diz que é preciso dar explicações e ressalta a necessidade de união das oposições contra Lula. Se o cavalo passar — não precisa ser branco como em 1989 —, ele monta.

Cuidados

Na avaliação do ex-governador, não faria sentido brigar com 25% do eleitorado, percentual fechado com o bolsonarismo. Ele teme também que um enfraquecimento de candidatos da direita viabilize a vitória de Lula no primeiro turno (o que ocorrerá se ele tiver metade mais um dos votos).



Leo Prates admite que relatório pode sofrer modificações

Relatório do fim da 6x1 deve sair nesta quarta

Transição precisa ser bem elaborada, alerta especialista

Por Gabriela Gallo

Em meio às discussões sobre os impactos da redução do fim da escala de trabalho 6X1, quando o empregado trabalha seis dias da semana e descansa somente um, ao Correio da Manhã a professora de direito do trabalho do Ibmec Brasília Moara Silva avaliou que, desde que a transição e o tema sejam bem elaborados, “o país não vai quebrar” com a mudança na legislação trabalhista.

“É importante destacar que já é considerável o número de empresas que voluntariamente testaram esse sistema de redução de jornada e encontraram ganhos de eficiência e produtividade como resultado. Claro que uma transição estruturada e inteligente precisa ser pensada para evitar precarização, reflexos irreais em preços de produtos e diminuição do valor real dos salários. Diferentes estratégias são possíveis, como mudança gradual (que já está prevista) ou eventuais medidas graduais de desoneração da folha, levando em consideração as especificidades de alguns setores com maior dificuldade ou custo para implementação da transição”, destacou a advogada.

O relatório preliminar da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que determina o fim das jornadas de trabalho na escala 6X1 será apresentado nesta quarta-feira (20) na comissão especial do tema na Câmara dos

Deputados. A informação foi confirmada pelo relator da medida na Câmara, deputado Leo Prates (Republicanos-BA). Ele informou que o texto está aberto para possíveis alterações. A previsão é que o texto determine a redução da jornada de trabalho de 44 horas semanais para 40 horas semanais, com dois dias de descanso por semana, sem perdas salariais. Ainda não foi definido o período de transição da medida.

Nesta terça-feira (19) a comissão especial na Câmara que analisa a mudança realiza duas audiências públicas para discutir os impactos da redução da jornada de trabalho. Às 10 horas, os membros da comissão discutirão e ouvirão especialistas sobre os impactos da escala 6x1 sobre a saúde e exemplos de negociações espontâneas. A proposta é que a comissão conheça diagnósticos, estudos e pesquisas sobre o uso do tempo de trabalho a partir de dados produzidos por instituições e entidades ligadas ao tema.

“A escala 6x1 é um importante fator de esgotamento e doenças que acabam afetando o desempenho, frequência e produtividade nas empresas. A mudança pode reduzir o chamado ‘absenteísmo’ [padrão de ausências, atrasos ou saídas antecipadas de um funcionário no ambiente de trabalho] e, ao mesmo tempo, também diminuir os custos da Previdência Social com afastamentos”, destacou Moara para a reportagem.